



O olhar atento do ocidente

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Nô, em uma sílaba, significa a arte de exhibir talento. Como denota o nome, é um gênero teatral secular que busca o máximo de significação com um mínimo de expressão. Não é de hoje que diretores e atores ocidentais vêm dirigindo um olhar mais atento para o teatro tradicional japonês, interessados não apenas no exótico, mas nas técnicas para criar a atmosfera envolvente que instiga o público a abrir outros canais de percepção. “Compreender o Nô pode resultar em métodos e exercícios interessantes para diretores, atores e dançarinos brasileiros”, afirma a atriz e diretora Alice Kiyomi Yagyu, que se apresenta como Alice K.

Pesquisadora e professora do Instituto de Artes da Unicamp, Alice K. foi membro do Grupo de Arte Ponkã, criado nos anos 1980 pelo diretor Paulo Yutaka, que voltava do Japão interessado em montar no Brasil um grupo teatral com descendentes. “Creio que a morte prematura do pai – a mãe era brasileira – também o instigava a explorar seu lado japonês. O movimento foi influenciando outros atores descendentes (e não-descendentes) dentro do contexto teatral brasileiro. No entanto, havia algo que era mal trabalhado: como lidar com as suas origens, com o tempo e o olhar diferentes?”

Alice K. vê no centenário da imigração japonesa um momento propício para que as universidades ofereçam mais espaço para o estudo das artes cênicas orientais, em sua opinião ainda muito incipiente. “Acho surpreendente que ainda não exista uma disciplina prática ou uma área ligada ao tema, mesmo na USP, onde faço meu doutorado. Na Unicamp, dentro das disciplinas que ministro, tento incorporar alguns princípios presentes em Nô e Kyogen, respectivamente o drama e a comédia clássica japonesa do século XIV”.

No Departamento de Artes Cênicas do IA, a professora encontra esta abertura em disciplinas como “Improvisação: o silêncio nas montagens”. “Desde o primeiro ano, é possível trabalhar com os alunos princípios e conceitos importantes sobre o tempo e espaço, dentro da visão oriental. Não são princípios antagônicos e sim complementares. Capacitam o aluno a compreender e construir sua ação em cena. Hoje já temos vários pesquisadores e diretores que tiveram contato com mestres no Japão e os intercâmbios tendem a aumentar”.

Durante seu mestrado na USP, Alice K. recebeu uma bolsa para aprender sobre a essência do Nô e do Kyogen com mestres atores em Tóquio. Passou a metade dos anos 90 fora do Brasil, pesquisando, atuando como solista e par-



A bailarina e pesquisadora Angela Nagai em ação: Nô, umbanda, xamanismo e a busca da raiz “que ia dar no outro lado do mundo”



A professora e diretora Alice K. durante ensaio no Instituto de Artes: enxergando a tradição na comparação dos elementos cênicos



ticipando de produções no Japão e na Alemanha. “Tive contato com a tradição cênica japonesa por mais de duas décadas. Mas chega o momento em que você precisa de outros elementos, inclusive para aprofundar a própria tradição. É no elemento comparado que conseguimos enxergar a tradição, e não dentro dela mesma”.

A pesquisadora conta sobre um período em que se afastou das referências corporais japonesas, por conta da necessidade de se aprofundar em seu lado brasileiro. “Por exemplo, sempre gostei de praticar alguma luta. Ao invés do judô ou caratê, fui buscar a capoeira, por causa da ginga, da dança. Mas, quando a gente se

perde dentro de outro tipo de investigação, recorre novamente à tradição. Sinto que essas formas tradicionais japonesas acabam se transformando em eixo, como a casa dos nossos pais, para a qual sempre podemos voltar um dia. Ela estará sempre lá”.

Raiz escavada – A bailarina e

pesquisadora Angela Nagai, filha de pai japonês e de mãe brasileira, define-se como uma nipo-parai-bana. Aluna da primeira turma de dança da Unicamp, ela conseguiu bolsa da Fundação Japão em 1997 e a Bolsa Vitae em 2002 para estudar com o mestre Udaka Mishige, no Instituto de Nô de Kyoto.

Angela dança desde pequena,